

Visões afro-americanas sobre o Brasil, 1900-2000 ^{1 2}

George Reid Andrews

University of Pittsburgh (EUA)

Introdução

Uma tendência atual da produção acadêmica sobre a América Afro-Latina e sobre a diáspora africana consiste em ressaltar a importância das conexões transnacionais e, até mesmo, transcontinentais na formação das condições de vida dos negros. No início dos anos 1990, Paul Gilroy ficou famoso pela proposta do conceito de um Atlântico Negro, constituído por interações e comunicações entre comunidades diaspóricas nos Estados

¹ Tradução de João Miguel Lima.

² Extraído de *Afro-Latin America: Black Lives, 1600-2000*, de George R. Andrews. Republicado com permissão. Copyright © 2016 em nome de *President and Fellows of Harvard College*. Todos os direitos reservados.

Unidos, Europa, Caribe e África³. Recentemente, histórias da diáspora africana, sintetizadas por Michael Gomez e Patrick Manning, adotam como um de seus temas centrais as “relações entre comunidades de populações afrodescendentes que estão geograficamente separadas” (GOMEZ, 2005, p. 2, tradução livre) e as “conexões entre as variadas regiões do mundo negro” (MANNING, 2009, p. 4, tradução livre). E há, atualmente, uma nova onda de trabalhos que buscam traçar conexões similares na América Latina e no Caribe⁴.

Porém, além de ser uma história de conexões, a história da diáspora africana é, ao mesmo tempo, uma história de comparações⁵. Enquanto marinheiros, trabalhadores, artistas, empresários e escritores negros viajavam por todo o mundo atlântico, eles inevitavelmente comparavam e contrastavam o que conheciam de seus países com as condições encontradas nas sociedades que os recebiam.

Grande parte desses pensamentos e reflexões comparativas foi comunicada pela oralidade e agora se encontra praticamente perdida para os historiadores. Por outro lado, os altos índices de alfabetização entre negros nos Estados Unidos e a presença, durante os séculos XIX e XX, de uma

³ GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

⁴ CANDELARIO, Ginetta. *Black Behind the Ears: Dominican Racial Identity from Museums to Beauty Shops*. Durham: Duke University Press, 2007; SEIGEL, Micol. *Uneven Encounters: Making Race and Nation in Brazil and the United States*. Durham: Duke University Press, 2009; GURIDY, Frank Andre. *Forging Diaspora: Afro-Cubans and African Americans in a World of Empire and Jim Crow*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010; LANDERS, Jane. *Atlantic Creoles in the Age of Revolutions*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011; FERREIRA, Roquinaldo. *Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World: Angola and Brazil during the Era of the Slave Trade*. Nova York: Cambridge University Press, 2012; PUTNAM, Lara. *Radical Moves: Caribbean Migrants and the Politics of Race in the Jazz Age*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2013; FERRER, Ada. *Freedom's Mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. Nova York: Cambridge University Press, 2014; JOSEPH, Tiffany D. *Race on the Move: Brazilian Migrants and the Global Reconstruction of Race*. Stanford: Stanford University Press, 2015; CASEY, Matthew. *Empire's Guest Workers: Haitian Migrants in Cuba during the Age of U.S. Occupation*. Nova York: Cambridge University Press, 2017.

⁵ Sobre comparação e conexão, ver HOLSTEIN, Diego. *Thinking History Globally*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2015, pp. 11-19.

imprensa afro-americana ativa, conferem a nós a oportunidade de ler os comentários escritos pelos afro-americanos que viajaram dos Estados Unidos para a América Latina.

No século XIX, esses viajantes escreveram com mais frequência sobre dois países caribenhos: Haiti e Cuba. Inspirados pelas lutas por independência das duas nações, pelos heróis negros que lideraram essas lutas e pelos esforços do Haiti em construir uma república negra de autogestão, escritores afro-americanos como Martin Delany, Frederick Douglass, William Wells Brown e outros teceram longos comentários sobre os dois países. Quando soldados afro-americanos desembarcaram em Cuba no ano de 1898 – como parte das forças de expedição dos Estados Unidos – eles escreveram inúmeras cartas para jornais negros, relatando as condições de vida na ilha⁶.

Inicialmente, o Brasil permaneceu menos conhecido entre os públicos afro-americanos. No entanto, já em 1858, o ex-escravo e abolicionista Frederick Douglass sugeriu que o

Brasil – um país que, em nosso orgulho, estigmatizamos como semibárbaro – não trata o seu povo de cor, livre ou escravo, da maneira injusta, bárbara e escandalosa como nós os tratamos... A América democrática e protestante faria bem em aprender algo sobre justiça e liberdade do Brasil despótico e católico. (AZEVEDO, 1995, p. 91, tradução livre).

Jornais afro-americanos informaram sobre a abolição da escravatura

⁶ HUNT, Alfred N. *Haiti's Influence on Antebellum America: Slumbering Volcano in the Caribbean*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1988; POLYNÉ, Millery. *From Douglass to Duvalier: U.S. African Americans, Haiti, and Pan Americanism, 1870-1964*. Gainesville: University of Florida Press, 2010; CLAVIN, Matthew J. *Toussaint Louverture and the American Civil War: The Promise and Peril of a Second Haitian Revolution*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2010; BROCK, Lisa; FUENTES, Digna Castañeda (eds.). *Between Race and Empire: African-Americans and Cubans before the Cuban Revolution*. Filadélfia: Temple University Press, 1998; GURIDY. *Forging Diaspora*; GATEWOOD, Willard B. *"Smoked Yankees" and the Struggle for Empire: Letters from Negro Soldiers, 1898-1902*. Fayetteville, Arkansas: University of Arkansas Press, 1987.

no Brasil em 1888 e, à medida que a ideia do Brasil como uma democracia racial gradualmente tomou forma na primeira metade do século XX, os afro-americanos – em busca de alternativas à opressão racial da América do Norte – voltaram a atenção cada vez mais para a república sul-americana como um modelo possível para a construção de uma sociedade multirracial.

Nas páginas da imprensa afro-americana, nas recordações e nos relatos de viagem, bem como em projetos de pesquisa acadêmica (principalmente na segunda metade do século XX), viajantes afro-americanos relataram o que haviam visto no Brasil e suas interpretações. Desse modo, eles certamente escreveram não apenas sobre o Brasil, mas sobre os Estados Unidos também, quer implícita ou explicitamente. Considerando que as condições raciais em ambos os países mudaram ao longo do século XX, também mudaram os termos das comparações entre eles.

À procura de democracia racial

Em 1914, o *Chicago Defender*, o maior jornal afro-americano da época, reportou na matéria de capa que o “Brasil acolhe afro-americanos”. Uma série de frases impactantes se seguiu à manchete:

Jovem de Chicago visitou as principais cidades brasileiras e ficou impressionado com o progresso, a riqueza e os cargos elevados conquistados por afro-americanos – as raças continuam a casar entre si e a viver em paz e harmonia, pelo bem comum do país. HÁ ABSOLUTAMENTE NENHUMA DIVISÃO DE COR NO BRASIL. (BRAZIL Welcomes Afro-Americans, 1914, p. 1, tradução livre).

Em 1916, o jornal retomou o tema do Brasil como um “campo elísio para a população negra. Caso haja alguma dúvida na mente do branco estadunidense se os negros seriam capazes de se autogovernar, ele precisa apenas ver e estudar o povo negro desta maravilhosa república para se convencer” (BRAZIL Wants Educated Black Men, 1916, p. 1, tradução

livre). Segundo o jornal, a maioria dos membros das duas casas do Congresso brasileiro era negra; e o ex-presidente afro-brasileiro, Nilo Peçanha (1909-1910), havia sido considerado “muito habilidoso”, um

(...) estadista de alta distinção, cujos conselhos são sempre procurados e adotados em grandes questões governamentais... Brancos e negros são iguais em todos os aspectos e nenhum pensamento sobre a cor de alguém sequer surge à mente das pessoas, não importa a ocasião... Se há de existir algum lugar na Terra ideal para o homem negro, sem dúvida poderia ser dito seguramente que é a República do Brasil. (BRAZIL Wants Educated Black Men, 1916, p. 1, tradução livre)

Artigos semelhantes, igualmente entusiasmados, apareceram em outros jornais negros⁷. Em 1921, o *Brazilian-American Colonization Syndicate* estava a organizar uma proposta de emigração de centenas de famílias afro-americanas para fundar colônias agrícolas no oeste do estado do Mato Grosso. “Os brasileiros estão muito empolgados com a possibilidade de receber um número expressivo de americanos negros, desta vez como colonos”, informara o *Norfolk Journal and Guide* (FIRST Colony to Sail for Brazil in June, 1921, p. 1, tradução livre). “Se as aparências contam para alguma coisa, a perspectiva parece verdadeiramente boa para os novos colonos” (BRAZIL is a very interesting country, 1921, p. 1, tradução livre).

Infelizmente, tais aparências mostraram-se enganosas. O programa proposto para uma colonização afro-americana, na realidade, provocou tremendo rebuliço no Brasil, encadeando a apresentação de um projeto de lei no Congresso, especificamente para barrar a imigração negra para o país. Embora o projeto de lei não tenha sido aprovado, o Ministério de Relações Exteriores instruiu seus consulados para que não emitissem vistos de imigrante ou de turista para afro-americanos, extinguindo, assim, o projeto

⁷ Perspectivas positivas semelhantes do Brasil em outros jornais afro-americanos podem ser encontradas em HELLWIG, David J. (ed.). *African-American Reflections on Brazil's Racial Paradise*. New Brunswick, Nova Jersey: Rutgers University Press, 1992, pp. 35-54.

de colonização e quase frustrando a visita ao Brasil de Robert Abbott, fundador do *Chicago Defender*⁸.

Em 1923, Abbott esteve no Brasil com o objetivo de:

(...) revelar (...) possíveis oportunidades industriais, comerciais e sociais para aquele grupo iluminado e crescente de negros norte-americanos que tão recentemente passaram a olhar para o continente sul-americano, afinal, como o mais provável santuário para a solução de seus problemas individuais. (HELLWIG, 1992, pp. 65-66, tradução livre).

Assim que Abbott chegou ao país⁹, encontrou evidências abundantes de:

(...) harmonia social absoluta. Casamentos entre negros e brancos acontecem sem causar a menor polêmica. Mais ainda, a tendência parece ser de encorajar esses casamentos entre diferentes raças, como branca e africana – o ideal tornar-se-ia um estado político completamente homogêneo no sangue... Os negros estão visivelmente por toda parte, desfrutando com inconcebível facilidade todas as oportunidades da democracia atual. (HELLWIG, 1992, p. 68, tradução livre)

Abbott reconheceu, contudo, diversos episódios inquietantes que prejudicaram esse idílio racial. Primeiro, sua esposa e ele tiveram seus pedidos de visto negados pelo cônsul brasileiro em Chicago. “A recusa dele foi simples, inteiramente baseada no fato de sermos negros” (HELLWIG, 1992, p. 58, tradução livre). Somente depois que um dos senadores do estado de Illinois submeteu reclamações repetidas vezes à embaixada brasileira em Washington, D.C., os vistos do casal Abbott foram enfim emitidos. Em seguida, quando chegaram ao Brasil, Abbott e sua esposa

⁸ GOMES, Tiago de Melo. Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 25, v. 2, 2003, pp. 307-331; MEADE, Teresa; PIRIO, Gregory. In Search of the Afro-American ‘Eldorado’: Attempts by North-American Blacks to Enter Brazil in the 1920s. *Luso-Brazilian Review*, n. 25, v. 1, 1988, pp. 85-110.

⁹ A respeito da viagem de Abbott ao Brasil, ver OTTLEY, Roi. *The Lonely Warrior: The Life and Times of Robert S. Abbott*. Chicago: Henry Regnery Company, 1955, pp. 228-240; HELLWIG, David. A New Frontier in a Racial Paradise: Robert S. Abbott’s Brazilian Dream. *Luso-Brazilian Review*, n. 25, v. 1, 1988, pp. 59-68; SEIGEL. *Uneven Encounters*, pp. 192-195.

tiveram hospedagem negada em hotéis do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde haviam feito reservas previamente. Ele sabia que tudo isso estava em direta violação da constituição brasileira e, ainda assim, havia acontecido. “Por que se deu assim?” (HELLWIG, 1992, p. 58, tradução livre).

A resposta era simples para os jornalistas afro-brasileiros que comentaram sobre a visita de Abbott: longe de ser uma democracia racial, o Brasil era uma sociedade em que a discriminação e a exclusão raciais constituem ocorrências diárias. O tratamento conferido ao casal nos hotéis do Rio de Janeiro e de São Paulo era bem mais representativo das realidades raciais brasileiras que os punhados de profissionais afro-brasileiros que Abbott relatou ter encontrado, com encanto, em cada cidade. “As portas da sociedade só se abrem a contragosto” a esses homens, publicou o jornal *Kosmos*, de São Paulo, “constrangidos pelo seu insuperável valor mental. É esta a igualdade apontada como padrão da verdadeira democracia brasileira?... Ilusão... perfeita ilusão” (ANDREWS, 1991, p. 137, tradução livre).

Apesar das experiências contraditórias¹⁰ do casal Abbott no Brasil, a cobertura do *Chicago Defender* sobre o país manteve-se incansavelmente positiva ao longo das décadas de 1920 e 1930, tal como o restante da imprensa negra¹¹. Alguns jornais inclusive insistiram que quaisquer barreiras impedindo que afro-americanos viajassem para visitar o Brasil

¹⁰ Ver também SEIGEL. *Uneven Encounters*, p. 194. A respeito das condições raciais no início do século XX, consultar GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez à invisibilidade: Legados da pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012; CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Quase-cidadão: Histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

¹¹ BRAZIL Offers Great Opportunity to Cotton Growers of America. **Chicago Defender**, 29 dez. 1923, p. 3; BRAZIL Pays High Honor to Dark Citizens. **Chicago Defender**, 22 maio 1926, p. 1; HOOVER Learns Lesson on Color Question in Brazil. **Chicago Defender**, 29 dez. 1928, p. 1; BRAZIL Settles Color Question by Divisions of Society. **Chicago Defender**, 24 ago. 1929, p. A1; BRAZIL Reviews 45 Years of Real Freedom. **Chicago Defender**, 20 maio 1933, p. 2; REYNOLDS, Clara Beasley. The Black Man in Brazil. **New York Amsterdam News**, 14 abr. 1928, p. 13; A SIDELIGHT on Mr. Hoover's Trip. **Pittsburgh Courier**, 15 jan. 1929, p. B8.

teriam sido impostas não por autoridades brasileiras, mas, sim, pelo governo dos Estados Unidos, que não desejava que estadunidenses negros vissem em primeira mão o paraíso racial e tivessem ideias erradas¹².

Nos anos 1940, contudo, afro-americanos começaram a enxergar o Brasil com outros olhos, com mais profundidade. Em 1940, o *Baltimore Afro-American* enviou o correspondente Ollie Stewart para conferir se eram verdadeiros os relatos de que não havia divisão de cor ou preconceito de cor no Brasil¹³. Logo em seu primeiro dia no Rio de Janeiro, ele imediatamente os descobriu falsos. O casal Abbott tivera entrada negada em dois hotéis; Stewart foi rejeitado em onze hotéis até finalmente encontrar um quarto. Quando visitou a Universidade do Brasil (a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), ele viu “menos pessoas de cor que o normal de um dia qualquer em Harvard ou na New York University. Columbia e a Chicago University têm três vezes mais estudantes de cor que a Universidade do Brasil” (HELLWIG, 1992, p. 92, tradução livre). Ele encontrou, todavia, números expressivos de afro-brasileiros nas Forças Armadas, inclusive em patentes oficiais, “e por essa tolerância quero dar o devido crédito ao Brasil” (HELLWIG, 1992, p. 99, tradução livre). Mas até mesmo os oficiais recebiam baixa remuneração, ele escreveu, e os homens alistados, menos ainda. “Se tudo se dá em base de igualdade, por que não encontramos pessoas de cor no departamento nacional de propaganda, agricultura, belas artes, comércio...?” (HELLWIG, 1992, p. 108, tradução livre).

Stewart titubeou em torno da questão de que afro-americanos deveriam considerar migração ao Brasil ou a outras nações latino-americanas. Por um lado, sugeriu que “o homem americano de cor não vai resolver seus problemas fugindo para Cuba, Santo Domingo [República

¹² PICKENS, William. Passports for Brazil. *New York Amsterdam News*, 14 fev. 1923, p. 1; REPUBLICAN U.S. Keeps Us from Visiting Brazil. *Baltimore Afro-American*, 29 set. 1928, p. 5; BELIEVES Washington Is Behind Move to Bar Negroes in Brazil. *New York Amsterdam News*, 8 jan. 1944, p. A7.

¹³ Os cinco artigos de Stewart estão reproduzidos em Hellwig (1991, pp. 91-108).

Dominicana] ou Brasil... Meu veredito é de que prefiro ser de cor nos Estados Unidos. Ao menos sei contra o que estou lutando.” (HELLWIG, 1992, p. 95, tradução livre). Em outros momentos, porém, encorajou seus leitores a buscar oportunidades de trabalho no estrangeiro, e

[...] começar com uma visita ao Brasil... Os primeiros sempre passam pelo inferno. Hoje em dia, um homem de cor tentando a sorte nos negócios no Brasil, em Santo Domingo ou no Haiti teria de passar por muita coisa. Mas os brancos americanos passam por isso. Os alemães passam por isso. Os ingleses, também. (HELLWIG, 1992, p. 106, tradução livre).

Os afro-americanos, Stewart concluiu, também deveriam se juntar a essa competição (HELLWIG, 1992).

Quem também chegou ao Brasil em 1940 foi E. Franklin Frazier, que posteriormente trilhou uma carreira de destaque como o primeiro presidente afro-americano da Associação Americana de Sociologia e diretor da Divisão de Ciências Sociais Aplicadas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO, (PLATT, 1991). Frazier passou quatro meses no estado da Bahia¹⁴, fazendo pesquisa sobre estruturas de parentesco de famílias negras¹⁵. Na tentativa de avaliar as condições raciais, Frazier se percebeu perante um entrave pelo fato de que havia, “no Brasil, pouca discussão sobre a situação racial ou de cor. Parece existir um entendimento velado entre todos os elementos da população de não se discutir a situação racial, pelo menos enquanto fenômeno contemporâneo”.

Como consequência desse silêncio – e também em razão das profundas diferenças entre os modos de pensar e agir sobre raça entre brasileiros e estadunidenses – “torna-se extremamente difícil discutir e tornar inteligíveis ao público americano as relações raciais envolvendo

¹⁴ FRAZIER, E. Franklin. The Negro Family in Bahia, Brazil. *American Sociological Review*, n. 7, v. 4, 1942, pp. 465-478.

¹⁵ Sobre a pesquisa de Frazier no Brasil, ver Hellwig (1991, pp. 87-94); Romo (2010, pp. 119-132).

brancos e negros no Brasil.” Segregação jurídica não existiu no Brasil. Os negros estavam absolutamente livres para participar da vida nacional e a miscigenação racial era tão ampla que produziam uma população que “não será branca, mas será uma fusão de brancos, negros e vermelhos”. Tal como entendido por Frazier, “o sangue negro não é visto como uma mancha, tampouco é ele que identifica alguém racialmente.” Considerando esses aspectos, “pareceria que preconceito de raça e de cor não existiram no Brasil.”¹⁶

Tais aparências, contudo, eram equivocadas. “Quando a situação é analisada de perto, nota-se que há distinções baseadas em cor e que certas distâncias sociais são mantidas por um sistema sutil de etiqueta”. Era esse particularmente o caso nas classes alta e média e “na nova forma de vida social que está surgindo em clubes e hotéis”, que não admitiam pessoas de cor. Essas práticas eram claramente visíveis na Bahia e, sobretudo, nos estados sulistas, onde o “preconceito de cor é muito mais demarcado que no norte”. Frazier (1942) atribuiu essa diferença regional à presença de imigrantes italianos e alemães nos estados do sul, desencadeando uma competição por emprego entre negros e brancos. Ainda assim, a “discriminação racial não se faz tão forte no sul do Brasil como se faz nos Estados Unidos.” E apesar de as classes alta e média reforçarem as divisões de cor, na compreensão de Frazier, na classe trabalhadora, as “distinções e os preconceitos de cor contra negros fazem-se aparentemente ausentes... É entre as massas de trabalhadores que a miscigenação racial prossegue em larga escala no Brasil”¹⁷ e eventualmente viria a transformar o país numa nação de uma única raça miscigenada.

¹⁶ FRAZIER, E. Franklin. A Comparison of Negro-White Relations in Brazil and in the United States. *Transactions of the New York Academy of Sciences*, v. 6, n. 7, série 2, 1944, p. 265; FRAZIER, E. Franklin. Some Aspects of Race Relations in Brazil. *Phylon*, n. 3, 1942, pp. 291-295, passim, tradução nossa.

¹⁷ FRAZIER (1942, pp. 292-294, passim, tradução livre).

A distinção estabelecida por Frazier entre relações raciais em nível das classes alta e média e em nível da classe trabalhadora foi retomada em 1948 pelo jornalista George Schuyler, porém usando termos mais fortes. Publicado no *Pittsburgh Courier* com o título “Brazilian Color Bias Growing More Rampant” [Preconceito de cor cresce desenfreado no Brasil], Schuyler iniciou seu texto com o relato da professora afro-americana Irene Diggs¹⁸ - a quem foi negado um quarto de hotel no Rio de Janeiro um ano antes - e com a sua própria experiência de ter sido impedido de se hospedar no mesmo hotel. Em dois artigos detalhados e bem documentados, Schuyler comentou sobre as divisões de cor nas escolas brasileiras de militares e de relações exteriores, nas escolas particulares, e nos melhores hotéis, restaurantes, teatros e clubes da cidade. Ele escreveu sobre disparidades raciais - na educação e no trabalho - e sobre a situação habitacional, especialmente as favelas, onde “todas as cores e raças encontram-se representadas... Embora com predomínio das pessoas de cor” (SCHUYLER, 1948, p. 7, tradução livre).

Com uma fotografia de crianças negras, Schuyler previu que “este grupo de típicas crianças negras brasileiras (...) encontrará um futuro cada vez mais difícil de conquistar, com o preconceito contra negros em constante crescimento em seu país” (FRAZIER, 1942, p. 294, tradução livre). Schuyler, contudo, pontuou duas potenciais fontes de esperança. Uma foi que os afro-brasileiros estavam se mobilizando na defesa de seus direitos, por meio da Frente Negra Brasileira, a União Nacional dos Homens de Cor e o Teatro Experimental do Negro. E. Franklin Frazier também havia escrito sobre essas organizações e levado de volta aos Estados Unidos uma mensagem aos negros americanos, escrita pela União Nacional dos Homens

¹⁸ A antropóloga Ellen Irene Diggs trabalhou como assistente de pesquisa e de edição para W.E.B. Dubois. Recebeu seu título de doutora em 1944 pela Universidade de Havana e dedicou sua carreira ao estudo de populações afrodescendentes na América Latina. BOLLES, A. Lynn. Ellen Irene Diggs: Coming of Age in Atlanta, Havana, and Baltimore. In: HARRISON, Ira E.; HARRISON, Faye V. (eds.). *African-American Pioneers in Anthropology*. Urbana, Illinois: University of Illinois Press, 1999, pp. 154-167.

de Cor. Posteriormente, contudo, ele concluiu que a União e outros grupos negros “carecem do impulso e da motivação de organizações (afro-americanas) similares dos Estados Unidos”¹⁹.

Schuyler discordou, enxergando na mobilização afro-brasileira um importante contrapeso ao racismo brasileiro. Ele chegou a essa conclusão a partir de conversas com o “brilhante Abdias do Nascimento”, provavelmente o mais proeminente dos ativistas afro-brasileiros do século XX²⁰. Quando Schuyler conheceu Nascimento, este era diretor do Teatro Experimental do Negro, do periódico “Quilombo” e havia começado a organização do I Congresso do Negro Brasileiro, que seria realizado no Rio de Janeiro em 1950²¹. Schuyler retornou ao Brasil no ano seguinte, em 1949, para participar das reuniões de planejamento do congresso e fez um pronunciamento que urgia os afro-brasileiros a abandonarem o que ele compreendia como uma preocupação com gradações de cor, para que se unissem enquanto *negros* (SCHUYLER Advises Brazil’s Negroes to Forget Color, 1949).

Schuyler sentiu que existiam de fato a miscigenação racial e a convivência que Frazier havia testemunhado entre as “massas trabalhadoras”, para contrabalançar o racismo brasileiro. Schuyler (1948, p. 7, tradução livre) percebia isso como

(...) uma revelação (para um cidadão estadunidense). Ele vê a camaradagem inter-racial por toda parte. Aqui, negros e brancos andam de braços dados... Aqui há uma livre associação

¹⁹ FRAZIER (1942, pp. 284-286, tradução livre). Ver também COLOR Distinction Noted in Brazil: Lack of Drive among Negro Organizations, Sociologist Says. **Atlanta Daily World**, 13 mar. 1942, p. 3. Sobre organizações afro-brasileiros do período, ver NASCIMENTO, Elisa Larkin. *The Sorcery of Color: Identity, Race, and Gender in Brazil*. Filadélfia: Temple University Press, 2007, pp. 120-148.

²⁰ Sobre Nascimento, ver ALMADA, Sandra. *Abdias Nascimento*. São Paulo: Selo Negro, 2009. Curiosamente, não há menções a Nascimento no último relato de Schuyler sobre sua estadia no Brasil: SCHUYLER, George. *Black and Conservative: The Autobiography of George S. Schuyler*. New Rochelle: Arlington House Publishers, 1966, pp. 303-309. Sobre sua viagem pela América Latina, consultar as páginas 289-303.

²¹ SCHUYLER, George S. Women Pep Meet in Brazil. **Pittsburgh Courier**, 28 maio 1949, pp. 1-4. Sobre o Congresso, ver Nascimento (1982).

entre todas as cores que é impressionante e reconfortante. Mostra que as massas do Brasil não compartilham do esnobismo social das elites brancas. Nas praias, nos bares, nos cinemas e nas ruas parece prevalecer uma democracia cromática.

A descrição de Schuyler para uma “democracia cromática”, incorporada por “negros e brancos (que) andam de braços dados” é uma surpreendente reminiscência da “democracia social e racial” descrita pelo sociólogo francês Roger Bastide em 1944. Escrevendo para um jornal de São Paulo sobre uma visita que fizera à casa de Gilberto Freyre, no subúrbio do Recife, Bastide compartilhou uma recordação:

Regressei para a cidade de bonde. O veículo estava cheio de trabalhadores de volta da fábrica, que misturavam seus corpos fatigados aos dos passeantes... População de mestiços, de brancos e pretos fraternalmente aglomerados numa enorme e amistosa confusão de braços e pernas. Perto de mim, um preto exausto pelo esforço do dia deixava cair sua cabeça pesada, coberta de suor e adormecida sobre o ombro de um empregado de escritório, um branco que ajeitava cuidadosamente suas espáduas de maneira a receber esta cabeça como num ninho, como numa carícia. E isso constituía uma bela imagem da democracia social e racial que Recife me oferecia no meu caminho de regresso. (GUIMARÃES, 2001, p. 162)

Parece improvável que Schuyler (que não falava nem lia em português) tivesse lido o artigo de Bastide; no entanto, quando se deparou com evidências corporais de interação racial, ele interpretou o que viu quase do mesmo modo que Bastide. Contudo, diferentemente de Bastide, não o fez a ponto de endossar o modelo de relações sociais do Brasil. Pelo contrário, Schuyler (1948, p. 7, tradução livre) observou que o “Brasil é uma massa de contradições, como os Estados Unidos, de modo que qualquer coisa que qualquer pessoa disser sobre relações inter-raciais, boa ou ruim, está apta a ser verdade”. Ele preferiu concluir seu relato com uma extensa citação de Abdias Nascimento, denunciando “esta discriminação racial velada,

mistificada nas proposições de uma constituição que define que todos os homens são iguais perante a lei” (SCHUYLER, 1948, p. 7, tradução livre).²²

Denunciando a democracia racial

Robert Abbott, Ollie Stewart, E. Franklin Frazier e George Schuyler convergiram para identificar os hotéis como espaços da vida brasileira nos quais a discriminação quase não era velada, se é que era. Em 1949, seis meses depois que Schuyler teve sua hospedagem negada no Hotel Glória, Abdias do Nascimento e vários outros colegas foram barrados, no mesmo hotel, quando iam participar de uma convenção de jornalistas.²³ Um ano depois, a dançarina afro-americana Katherine Dunham foi rejeitada no Hotel Esplanada, durante um tour em São Paulo. Os protestos furiosos de Dunham²⁴ provocaram discussão por todo o Brasil e uma ampla condenação do hotel pelo ocorrido, desencadeando no ano seguinte, 1951, com a primeira lei anti-discriminação do país: a lei Afonso Arinos. “Brasileiros decentes ficaram revoltados”, disse o *Atlanta Daily World* (BRAZIL Enacts Law Against Race Bias, 1951, p. 1). Com a aprovação da lei, o Brasil “reconhece o preconceito racial e de cor como um mal nacional e se movimenta rumo a erradicá-lo em nível nacional. Estabeleceu um marco de justiça inter-racial, que todos os americanos poderiam muito bem seguir” (BRAZIL Sets an Example, 1952, p. 4, tradução livre).

A lei Afonso Arinos, a tradução para o inglês das obras de Gilberto Freyre²⁵ nos anos 1950 e 1960 e a contínua difusão de suas ideias fizeram com que observadores afro-americanos continuassem a ver o Brasil “não

²² Mais de 60 anos depois, Nascimento destacou basicamente os mesmos pontos num diálogo com o acadêmico afro-americano Henry Louis Gates Jr. GATES, JR.; Henry Louis. *Black in Latin America*. Nova York: New York University Press, 2011, pp. 47-50.

²³ ACTORS Barred from Swank Brazil Hotel. *Atlanta Daily World*, 15 mar. 1949, p. 2.

²⁴ HOTEL in Brazil Snubs Katherine Dunham. *Pittsburgh Courier*, 29 jul. 1950, p. 32.

²⁵ Sobre Gilberto Freyre, ver SCHUYLER, George. The Week's Books: Brazilian Background. *Pittsburgh Courier*, 2 jun. 1956, p. B3; WALKER, Charles. Re: A Brazilian Friend. *New York Amsterdam News*, 13 ago. 1955, p. 15.

apenas superando os Estados Unidos no campo das relações raciais, mas (...) estabelecendo um padrão para o mundo inteiro”. Nas áreas de ciência e tecnologia, “considera-se que o Brasil aprendeu muito com os EUA, mas seria possível dizer também que os EUA aprenderiam bastante com o Brasil no campo das relações raciais” (BRAZIL Sets Pattern in Race Relations ‘South of Border’, 1959, p. 2, tradução livre).

Os anos 1950, porém, também marcaram o começo de mudanças radicais para as percepções de brasileiros e estrangeiros sobre raça e racismo no Brasil. O processo teve início com as amargas críticas sobre discriminação racial e desigualdade – feitas por Abdias do Nascimento e seus colegas do jornal “Quilombo” e do I Congresso do Negro Brasileiro –, tomou impulso com as conclusões das pesquisas comissionadas pela UNESCO, no começo dos anos 1950, e prosseguiu nas décadas de 1960, 1970 e 1980, com uma onda de estudos de pesquisadores brasileiros, documentando a desigualdade racial arraigada na sociedade brasileira.²⁶ Enquanto isso, nos Estados Unidos, os movimentos pelos direitos civis e *Black Power* desafiaram e modificaram profundamente as ideias e as políticas sobre raça do país. Como consequência dessas movimentações nos dois países, os visitantes afro-americanos que tendiam a ver o panorama racial do Brasil como superior àquele dos Estados Unidos na primeira metade do século XX viram os termos da comparação serem alterados na segunda metade do mesmo século.

Ao visitar o Brasil em 1965, Era Bell Thompson, correspondente da revista *Ebony* e editora de relações internacionais, detectou e compartilhou em grande medida com esse ceticismo.²⁷ Ela relatou que a pesquisa da

²⁶ Sobre “Quilombo” e o Congresso, ver NASCIMENTO. *Quilombo: Vida, problemas e aspirações do negro*. São Paulo: FAPESP/Editora 34, 2003; e NASCIMENTO. *O negro revoltado*. Sobre a pesquisa da UNESCO, ver MAIO, Marcos Chor. O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 a 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, 1999, pp. 141-158.

UNESCO havia “revelado uma leve, porém crescente forma de discriminação no Brasil, fato confirmado por alguns dos sociólogos mais destacados do país e admitido em um número de seus jornais e revistas”. Percorrendo todo o país ao longo de dois meses, ela entrevistou os principais intelectuais brasileiros no tema, incluindo Gilberto Freyre, Abdias do Nascimento, Raymundo Souza Dantas (o primeiro embaixador negro do país), o senador Afonso Arinos de Melo (autor da lei anti-discriminação de 1951) e muitos outros²⁸.

“O amálgama funciona no Brasil?”, Thompson perguntara. Por “amálgama”, ela queria dizer miscigenação racial, cujas complexidades ela abordou em inúmeras entrevistas e fotografias que mostravam combinações variadas de tais misturas entre pessoas brancas, negras, indígenas e mestiças. Este grupo, ela percebeu, tornava-se demograficamente dominante no Brasil, enquanto os outros três “tornam-se extintos na medida em que os pardos aumentam”. Nesse sentido, o “amálgama no Brasil não apenas funciona, como trabalha em regime de horas extras”.²⁹

O “amálgama”, contudo, não significou um fim ao racismo ou à discriminação. Thompson iniciou um de seus artigos com a descrição de seu próprio encontro com a discriminação em um restaurante na cidade de Santos. Tanto os anfitriões brasileiros como o garçom ofensivo insistiram para ela que nada de impróprio havia acontecido e que discriminação era algo impensável no Brasil. Thompson não consentiu. “Comparado aos Estados Unidos, os brasileiros dizem que não têm um problema racial. Eles

²⁷ Fundada em 1945, *Ebony* foi a revista afro-americana com maior distribuição na segunda metade do século XX. Sobre o seu editor, ver FALKOF, Lucille. *John H. Johnson, “The Man From Ebony”*. Ada, Oklahoma: Garrett Educational Corporation, 1992; sobre Era Bell Thompson, ver sua autobiografia: THOMPSON, Era Bell. *American Daughter*. Chicago: University of Chicago Press, 1946.

²⁸ THOMPSON, Era Bell. Does Amalgamation Work in Brazil? *Ebony*, jul. 1965, pp. 27-41; THOMPSON, Era Bell. Does Amalgamation Work in Brazil? *Ebony*, ago. 1965, pp. 33-42, tradução livre.

²⁹ THOMPSON. Does Amalgamation Work?, jul. 1965, p. 29; THOMPSON. Does Amalgamation Work?, ago. 1965, p. 42, tradução livre.

têm, contudo, preconceito racial e um sistema de discriminação baseado na cor da pele... Quanto mais escuro o homem, maiores os seus problemas”. Numa perspectiva futura de crescimento e desenvolvimento, “competição econômica entre cidadãos de peles escura e clara certamente hão de causar fricção. Indícios disso já podem ser vistos no São Paulo industrializado e no sul europeizado”.³⁰

A erupção de tais “indícios” se deu nos anos 1970 na forma de um “novo movimento negro” (assim chamado para se distinguir de movimentos anteriores, nos anos 1930, 1940 e 1950). Observadores afro-americanos detectaram fortes semelhanças entre essa mobilização e o movimento dos direitos civis dos Estados Unidos. Em 1978, fazendo a cobertura da criação do Movimento Negro Unificado (MNU), o jornalista Hoyt Fuller (1978, p. 1, tradução livre) percebeu³¹ que as demandas do MNU:

(...) apresentam expressiva semelhança com aquelas dos ativistas negros nos Estados Unidos, duas décadas atrás. Elas incluem violência policial; exclusão em lugares públicos; rejeição em empregos; degradação da cultura negra; oportunidades educacionais inadequadas; ausência de negros em cargos responsáveis por políticas públicas; discriminação nas forças armadas; habitações precárias; elevada mortalidade infantil; serviços de saúde precários; e algo que é relevante no Brasil: a exploração de mulheres negras e mulatas.

Afirmou, ainda, que os afro-brasileiros “não vão mais aceitar quietos a discriminação sistemática nem a posição automática na base das estruturas social, política e econômica da nação”. Fuller e outros afro-americanos não estavam errados de ver paralelos entre os movimentos pelos direitos civis do Brasil e dos Estados Unidos. O movimento brasileiro havia se inspirado em parte nas conquistas dos ativistas dos direitos civis nos EUA e esperava

³⁰ FULLER, Hoyt W. Blacks Challenge Policy of ‘Non-Racialism’ in Brazil. **Atlanta Daily World**, 29 set. 1978, p. 1; Artigo reimpresso como “Freedom Movement Launched in Brazil”. **Baltimore Afro-American**, 7 out. 1978, p. 5. Ver também BRAZIL’S Blacks Experience New Cultural Consciousness. **Norfolk Journal and Guide**, 16 set. 1981, p. 11.

replicar alguns de seus sucessos³². Emergindo, contudo, de uma história nacional e de uma experiência com raças diferentes, os movimentos afro-brasileiros inevitavelmente tomaram direções distintas e adotaram estratégias diferentes daquelas seguidas nos Estados Unidos. Para os visitantes afro-americanos, essas divergências podiam se mostrar desconcertantes e decepcionantes. Nos anos 1980, o cientista político Michael Hanchard passou diversas estadias de longa duração no Brasil, entrevistando ativistas afro-brasileiros no Rio e em São Paulo. Para ele, os esforços coletivos representavam “avanços significativos, comparados às gerações anteriores de ativismo afro-brasileiro” (HANCHARD, 1994, p. 138, tradução livre), mas estavam ainda longe do que seria necessário para ultrapassar as estruturas profundamente arraigadas da subordinação racial no Brasil.

Hanchard atribuiu parte desse fracasso aos próprios ativistas. Em vez de focarem na política pragmática de articular coalizão e de criarem uma base junto às massas, o movimento negro seguiu uma agenda “culturalista”, baseada na “fetichização de artefatos e expressões culturais”, derivados do passado africano e afro-brasileiro. A ideia era que, ao destacar o papel central dos africanos e seus descendentes na formação da nação brasileira, os movimentos negros atrairiam adesão (de negros e de brancos) à causa e apoio para programas governamentais que integrariam os afro-brasileiros de forma plena à vida nacional. Ao perseguir esse objetivo, porém, “as dimensões práticas desta expressão, ou seja, de alcance comunitário, de política de base, foram em larga medida ignoradas. E o mais importante: não houve versões afro-brasileiras de boicotes, *sit-ins*, desobediência civil e luta armada” (HANCHARD, 1994, pp. 138-139). O resultado foi “uma política subalterna fragmentada e episódica” (HANCHARD, 1994, p. 159, tradução livre) que falhou em conquistar seus objetivos políticos.

³² ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. *Histórias do movimento negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007, pp. 69-89.

Hanchard reconheceu que nem toda a culpa para tal fracasso deveria ser imputada ao movimento negro, uma vez que este enfrentava obstáculos impostos por outros. Um deles era a pobreza que assolava tanto as organizações negras como as bases que elas pretendiam mobilizar. Outro era a ideologia hegemônica da democracia racial, “que proclama a existência de um igualitarismo racial no Brasil (...) ao mesmo tempo em que produz práticas e sistemas de crenças racialmente discriminatórias” (HANCHARD, 1994, p. 74, tradução livre). Desse modo, a democracia racial construiu uma cobertura ideológica poderosa para o racismo e a desigualdade, prejudicando a habilidade de afro-brasileiros para identificar as causas de sua opressão. Assim, tornaram-se menores as chances de que participassem dos movimentos de contestação dos anos 1980 e 1990³³.

Hanchard ofereceu uma visão do Brasil do final do século XX que foi amplamente compartilhada entre viajantes afro-americanos ao país. No início do século, os afro-americanos haviam aplaudido na maioria das vezes o conceito e a prática da democracia racial. Já nos anos 1980 e 1990, eles não somente estavam menos propensos a aceitar a ideia de que o Brasil era uma democracia racial; muitos agora viam o conceito como um dos principais obstáculos para que o país algum dia alcance uma igualdade racial genuína. Nos Estados Unidos, conforme o argumento, a opressão racial era aberta, óbvia e perfeitamente visível. Tornava-se, assim, mais fácil identificá-la e, logo que identificada, definir contra quem lutar. No Brasil, por outro lado, a opressão racial estava escondida, mascarada por um discurso nacional que proclamava harmonia e igualdade raciais para todos. Como resultado, os afro-brasileiros encontravam-se menos propensos a reconhecer a desigualdade e a discriminação raciais como tais e, desse modo, menos motivados a lutar contra elas. Retomando a memorável formulação da antropóloga Angela Gilliam, “Nos Estados Unidos, tem uma

³³ Sobre esse assunto, ver também as páginas 43-74 de Hanchard (1994).

metralhadora apontada para a minha cabeça. No Brasil, a mesma metralhadora está apontada para as minhas costas, onde não posso vê-la”³⁴.

A fim de descobrir como o racismo poderia existir e até mesmo florescer num país que se proclamava uma democracia racial, a socióloga France Winddance Twine estabeleceu-se numa pequena cidade do estado do Rio de Janeiro, onde passou quase um ano tentando conversar com as pessoas sobre raça e racismo. Deparou-se com uma árdua batalha. Semelhante aos achados de E. Franklin Frazier na Bahia 50 anos antes,

(...) há poucos assuntos em Vasália, se é que existe algum, mais difíceis de discutir em particular ou em público que o racismo... Quando tentei levantar a questão, fui imediatamente silenciada pelos moradores, que me acusaram de racista simplesmente por chamar atenção para o que eu percebia como disparidades raciais no emprego, na educação, em moradia e na representação política. (TWINE, 1998, pp. 12-13, tradução livre)

Conversa após conversa, seus informantes – fossem brancos ou negros – resistiam a falar sobre raça, mudando de assunto ou explicando a desigualdade no Brasil em termos de classe social. Twine reconheceu que a recusa a discutir racismo, ou mesmo de reconhecer a sua existência, desempenhava um papel social crucial para os afro-brasileiros, que lhes permitia “sustentar um sentido de esperança e dignidade enquanto tentavam lidar com as profundas desigualdades raciais” (TWINE, 1998, p. 139, tradução livre). Ela concluiu, contudo, que as consequências desse silêncio eram absolutamente devastadoras, tornando os afro-brasileiros incapazes de desafiar de fato o sistema de supremacia branca do país.

O jornalista Eugene Robinson chegou a conclusões bastante parecidas. Enviado à Argentina no começo dos anos 1990 como correspondente do Washington Post para a América do Sul, Robinson

³⁴ COURI, Norma. O negro no Brasil a nos EUA, segundo uma antropóloga antiintegracionista. **Jornal do Brasil**, 15 fev. 1980. Ver também GILLIAM, Angela. Black and White in Latin America. **Présence Africaine**, n. 92, 1974, pp. 161-173.

viajava frequentemente ao Brasil, onde inicialmente teve as mesmas reações positivas que outros viajantes afro-americanos tiveram antes dele no país. “O Brasil me ofereceu, pela primeira vez, esperança... Brasil foi o meu amor, minha inspiração, minha revelação”, relatou Robinson (1999, p. 73) e complementou:

O que mais me animou sobre o futuro que enxerguei no Brasil foi a ausência de barreiras sólidas. As categorias com as quais cresci, que tanto fizeram parte do meu ser – as categorias negro e branco –, tendiam a desaparecer no Brasil... Senti que estava livre delas, livre a ponto de euforia. (ROBINSON, 1999, pp. 110-111, tradução livre).

Ao passar mais tempo no país, porém, Robinson incomodou-se cada vez mais com a extrema desigualdade que permeava a sociedade e com o papel da ideologia da democracia racial para a manutenção dessa mesma desigualdade:

Passei a compreender que a estruturação de uma sociedade para que negros não ‘precisem ser’ negros, não parece fazer bem algum para os negros. Na verdade, parece fazer-lhes mal, colocando-os para baixo – pior, a ponto de lhes negar mesmo a consciência de que estão sendo colocados para baixo, negando tanto a linguagem para que falem a respeito como a raiva para que façam algo a respeito. (ROBINSON, 1999, p. 158-159, tradução livre).

Quando Robinson viajou a Salvador, a capital não oficial do Brasil Afro, ficou inicialmente impressionado pelo movimento de reafricanização na cidade, que buscava trazer música, dança, arte, capoeira, religião e outras expressões culturais afro-brasileiras de volta às origens africanas. “Tudo me fazia lembrar o momento (nos EUA), por volta de 1967, quando ser negro tornou-se lindo”. No entanto, aquele momento nos Estados Unidos, ele prosseguiu na reflexão, havia sido:

(...) mais que cultura, apenas. Entre outras coisas, era sobre lutar com o poder político, e os negros de Salvador não faziam isso; apesar de serem maioria na cidade, não elegiam seus candidatos e tampouco levavam suas pautas adiante. Era sobre se organizar para pressionar por mudanças; e os negros de Salvador não faziam isso de forma substantiva. Era sobre

confrontar a sociedade branca com demandas, sobre ficar bem na frente da nação, insistindo para ser visto e ouvido, e as pessoas em Salvador não faziam nada disso (ROBINSON, 1999, pp. 192-193, tradução livre).

“Numa relação de amor, sempre chega o dia em que a paixão se esvai e você abre os olhos e enxerga o objeto de seus afetos de forma mais clara, mais crítica” e, para Robinson (1999, p. 57), esse dia chegou durante o Carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Enquanto assistia à apresentação das Baianas, que compõem uma ala obrigatória de todas as escolas de samba, ele via mulheres assoladas pela pobreza, sendo colocadas a fazer uma performance para um público majoritariamente branco.

Vi as linhas de expressão em suas testas; vi os dentes desiguais, faltando; vi os seus olhos turvos. Elas giravam como se pudessem flutuar para longe, mas vi o peso de suas pernas e a dureza de seus pés, sobrecarregados pés. Vi seus corpos, imperfeitos corpos que contavam suas próprias histórias, alguns deles eram muito magros, outros, muito gordos, todos eles com flacidez e inchaços provenientes de uma combinação de gestações frequentes e trabalho braçal constante. Olhando para além do júbilo e da glória do momento, enxerguei vidas difíceis... Em meio a toda a beleza, excitação e alegria daquela noite, vi algo que era retrógrado, feio e errado. (ROBINSON, 1999, p. 159, tradução livre).

O percurso inverso

Ao longo do século XX, as visões afro-americanas acerca do Brasil deram um giro de 180°. No início do século, visitantes e jornais haviam visto o país em termos extremamente positivos, tendo-o como um refúgio possível para estadunidenses negros desejosos de escapar da violência e da opressão raciais. Já no fim do século, afro-americanos passaram a tecer avaliações categoricamente negativas do panorama racial do Brasil, agora o vendo como “algo que era retrógrado, feio e errado”.

Os julgamentos negativos eram reflexos em parte da oportunidade que observadores afro-americanos tiveram de passar mais tempo no país, conhecendo-o melhor, em comparação aos observadores do início do século.

Enquanto que nenhum dos visitantes do início do século XX sabia falar português, Hanchard, Twine, Gilliam e outros pesquisadores eram fluentes na língua. Tudo isso lhes permitiu adentrar de forma mais significativa nas realidades locais e construir conclusões mais bem informadas e empiricamente fundamentadas.

No entanto, essa mudança nas visões não se deu apenas devido a relatos mais bem informados. No início do século XX, observadores comparavam o Brasil com um dos momentos mais baixos da história racial dos Estados Unidos, num tempo de violência e opressão raciais generalizadas. No final do século, contudo, as condições raciais haviam se transformado drasticamente nos EUA (e nem tanto no Brasil). As mobilizações por direitos civis nos Estados Unidos conseguiram pôr fim à segregação racial imposta de forma legal nos estados do sul e pressionaram o país a decretar uma legislação de direitos civis e programas de ação afirmativa. Em parte como resultado dessas conquistas, as disparidades raciais na saúde, na educação, no trabalho, na renda e em outras áreas caíram significativamente nos Estados Unidos entre 1950 e 1990. No Brasil, durante o mesmo período, esses indicadores permaneceram mais ou menos estáveis, enquanto em algumas áreas – principalmente a discriminação na empregabilidade e na diferença salarial – tornaram-se mais acentuadas³⁵.

Como consequência dessas mudanças, as comparações da situação racial dos dois países, implícita ou explicitamente, passaram a pender a favor dos Estados Unidos. No entanto, tal como qualquer projeto de pesquisa, conclusões comparativas se devem tanto às questões que impulsionaram os pesquisadores como às condições objetivas que encontraram em campo. Michael Hanchard (1994, p. 5, tradução livre) começou pesquisa de campo com a pergunta “por que não há um

³⁵ ANDREWS, George Reid. Desigualdade racial no Brasil e nos Estados Unidos: Uma comparação estatística. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 22, 1992, pp. 47-83. Para uma versão atualizada da comparação, consultar ANDREWS, George Reid. Desigualdade racial no Brasil e nos Estados Unidos, 1990-2010. *Afro-Ásia*, n 51, 2015, pp. 141-174.

movimento social afro-brasileiro comparável ao movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos?”. O objetivo de France Winddance Twine (1998, p. 4, tradução livre) era de explicar “o paradoxo entre a desigualdade racial difusa e o fracasso constante de organizações e políticas antirracistas em gerar apoio de base entre não elites.” Deveria ter existido um movimento social; deveria ter havido apoio de base para o antirracismo. Não houve – por que não? Como e por que os afro-brasileiros fracassaram?

Essas perguntas nos levam à discussão de Miguel Centeno e Fernando López-Alves, dois sociólogos latino-americanos sediados nos Estados Unidos. No ensaio, Centeno e López-Alves (2001) clamam por uma abordagem teórica mais sistemática para se estudar a América Latina, baseando-se na teoria produzida a partir das experiências históricas da região. O argumento deles era que, com frequência, pesquisas sobre a América Latina não são movidas por teoria; e, quando o são, essas teorias tendem a ser baseadas em histórias, sociedades e culturas da Europa ou da América do Norte. Quando olhamos a América Latina através de lentes europeias ou norte-americanas, tendemos a enquadrar nossas perguntas em termos de: o que deu errado? Por que a América Latina (supostamente) falhou em realizar uma transição exitosa do feudalismo para o capitalismo, tal como (supostamente) aconteceu na Europa? Por que a industrialização e a urbanização na América Latina não criaram classes médias modernas e hegemônicas, tal como (supostamente) aconteceu na Europa e nos Estados Unidos? Ou economias nacionais dinâmicas, autossustentáveis? O que deu errado?

Centeno e López-Alves (2001, p. 10, tradução livre) argumentam que “imaginar um resultado padronizado”, tomado como referência para mensurar todos os outros casos, “reduz a análise comparativa a um diagnóstico médico. Nosso trabalho não é encontrar o que está ‘errado’ com um paciente, mas, sim, entender como o corpo funciona.” A ativista afro-brasileira Luiza Bairros (1996, p. 176) fez exatamente essa crítica em sua

resposta ao livro de Hanchard, sugerindo que sua pergunta de pesquisa deveria ter sido não por que o Brasil não seguiu o mesmo caminho que os Estados Unidos, mas, pelo contrário, “que tipo de movimento negro foi gerado a partir da formação racial brasileira?” Em vez de se tentar entender por que afro-brasileiros não querem falar sobre racismo, poderíamos aprender mais perguntando sobre o que gostariam de conversar?³⁶ Ou, em vez de conclamar ativistas negros no Brasil a realizarem boicotes e *sit-ins*, se perguntássemos por que eles não acharam essas estratégias boas ideias? Por que consideraram cultura tão importante? Como funciona o corpo da sociedade afro-latino-americana?

Enquanto os afro-americanos e praticamente todos os estadunidenses se dedicaram a observar o Brasil pelas lentes da experiência nacional dos Estados Unidos com raça, como seria se as lentes fossem outras, seguindo a recomendação de Centeno e López-Alves, passando de uma perspectiva norte-americana para perspectivas mais latino-americanas? O que visitantes afro-colombianos, ou afro-cubanos ou afro-centro-americanos teriam pensado da situação racial do Brasil ao longo do século XX? Ou, tornando a pergunta mais empírica, o que eles pensaram sobre a situação racial do Brasil? Em diálogos no início dos anos 2000, ouvi em primeira mão dos ativistas afro-uruguaios Rubén Galloza e Romero Rodríguez como eles haviam sido profundamente afetados por suas viagens ao Brasil nos anos 1970 e 1980 e por seus contatos com movimentos afro-brasileiros culturais e políticos. Enquanto os observadores estadunidenses estavam mais inclinados a ver os movimentos negros daquele momento no Brasil como

³⁶ Outros pesquisadores sentiram que os afro-brasileiros são na verdade bastante dispostos a conversar sobre racismo, desde que possam fazer isso no seu próprio ritmo, em seus próprios modos. Consultar, por exemplo, COSTA, Haroldo. *Fala, crioulo*. (Rio de Janeiro: Editora Record, 1982, 2009); SHERRIFF, Robin. *Dreaming Equality: Color, Race, and Racism in Urban Brazil*. New Brunswick, EUA: Rutgers University Press, 1999; SILVA, Graziella Moraes da; REIS, Elisa P. Perception of Racial Discrimination among Black Professionals in Rio de Janeiro. *Latin American Research Review*, n. 46, v. 2, 2011, pp. 55-78.

fracos e inoperantes, ativistas afrodescendentes da América hispânica estavam mais inclinados a vê-los como a vanguarda da mobilização negra na região. Essa visão foi comprovada com a onda de ações afirmativas e outras políticas promulgadas no Brasil no início dos anos 2000, que jamais teriam sido adotadas na ausência de movimentos no final do século XX³⁷.

Afro-americanos viajaram ao Brasil para ver as condições raciais do país em primeira mão e compararam com as condições vividas nos Estados Unidos. Como Micol Seigel (2009) argumentou de maneira eloquente, o intercâmbio entre ambos os países desempenhou um papel crucial na formação de ideias sobre raça. Com base nessa experiência, parece claro o próximo passo na pesquisa pelas conexões históricas e comparações entre as comunidades da diáspora na América Latina: observar com mais atenção as conexões e as comparações entre os países da região, ou seja, dentro da América Afro-Latina. Esforços iniciais nessa direção já produziram resultados valiosos e aguardamos ansiosamente por mais pesquisas semelhantes no futuro³⁸.

³⁷ Consultar HERNÁNDEZ, Tanya Katerí. *Racial Subordination in Latin America: The Role of the State, Customary Law, and the New Civil Rights Response*. Nova York: Cambridge University Press, 2013, pp. 148-169; COTTROL, Robert J. *The Long, Lingering Shadow: Slavery, Race, and Law in the American Hemisphere*. Athens, EUA: University of Georgia Press, 2013, pp. 238-265.

³⁸ Além dos títulos já sugeridos, ver também LOVEMAN, Mara. *National Colors: Racial Classification and the State in Latin America*. Nova York: Oxford University Press, 2014; TELLES, Edward; PERLA. *Pigmentocracies: Ethnicity, Race, and Color in Latin America*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina Press, 2014); PASCHEL, Tianna S. *Becoming Black Political Subjects: Movements and Ethno-Racial Rights in Colombia and Brazil*. Nova York: Cambridge University Press, 2016.

Bibliografia

ACTORS Barred from Swank Brazil Hotel. **Atlanta Daily World**, 15 mar. 1949, p. 2.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. *Histórias do movimento negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007, pp. 69-89.

ANDREWS, George Reid. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1991.

ANDREWS, George Reid. Desigualdade racial no Brasil e nos Estados Unidos: Uma comparação estatística. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 22, 1992, pp. 47-83.

ANDREWS, George Reid. Desigualdade racial no Brasil e nos Estados Unidos, 1990-2010. **Afro-Ásia**, n. 51, 2015, pp. 141-174.

AZEVEDO, Célia M. *Abolitionism in the United States and Brazil: A Comparative Perspective*. Nova York: Garland, 1995.

BARROS, Luiza. Orfeu e poder: Uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. **Afro-Asia**, n. 17, 1996.

BELIEVES Washington Is Behind Move to Bar Negroes in Brazil. **New York Amsterdam News**, 8 jan. 1944, p. A7.

BOLLES, A. Lynn. Ellen Irene Diggs: Coming of Age in Atlanta, Havana, and Baltimore. In: HARRISON, Ira E.; HARRISON, Faye V. (eds.). *African-American Pioneers in Anthropology*. Urbana, Illinois: University of Illinois Press, 1999, pp. 154-167.

BRAZIL Enacts Law Against Race Bias. **Atlanta Daily World**, 8 jul. 1951, p. 1.

BRAZIL is a very interesting country. **Norfolk Journal and Guide**, 15 jan. 1921, p. 1.

BRAZIL Offers Great Opportunity to Cotton Growers of America. **Chicago Defender**, 29 dez. 1923, p. 3.

BRAZIL Pays High Honor to Dark Citizens. **Chicago Defender**, 22 maio 1926, p. 1.

BRAZIL Reviews 45 Years of Real Freedom. **Chicago Defender**, 20 maio 1933, p. 2.

BRAZIL Sets an Example. **Atlanta Daily World**, 24 set. 1952, p. 4.

BRAZIL Sets Pattern in Race Relations 'South of Border'. **Atlanta Daily World**, 18 nov. 1959, p. 2.

BRAZIL Settles Color Question by Divisions of Society. **Chicago Defender**, 24 ago. 1929, p. A1.

BRAZIL Wants Educated Black Men. **The Chicago Defender**, 22 jan. 1916, p. 1.

BRAZIL Welcomes Afro-Americans. **The Chicago Defender**, 14 mar. 1914, p. 1.

BRAZIL'S Blacks Experience New Cultural Consciousness. **Norfolk Journal and Guide**, 16 set. 1981, p. 11.

BROCK, Lisa; FUENTES, Digna Castañeda (eds.). *Between Race and Empire: African-Americans and Cubans before the Cuban Revolution*. Filadélfia: Temple University Press, 1998.

CANDELARIO, Ginetta. *Black Behind the Ears: Dominican Racial Identity from Museums to Beauty Shops*. Durham: Duke University Press, 2007.

CASEY, Matthew. *Empire's Guest Workers: Haitian Migrants in Cuba during the Age of U.S. Occupation*. Nova York: Cambridge University Press, 2017.

CENTENO, Miguel Ángel; LÓPEZ-ALVES, Fernando. "Introduction". In: CENTENO, Miguel Ángel; LÓPEZ-ALVES, Fernando (eds.). *The Other Mirror: Grand Theory through the Lens of Latin America*. Princeton: Princeton University Press, 2001, pp. 3-23.

CLAVIN, Matthew J. *Toussaint Louverture and the American Civil War: The Promise and Peril of a Second Haitian Revolution*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2010.

COLOR Distinction Noted in Brazil: Lack of Drive among Negro Organizations, Sociologist Says. **Atlanta Daily World**, 13 mar. 1942, p. 3.

COSTA, Haroldo. *Fala, crioulo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1982, 2009.

COTTROL, Robert J. *The Long, Lingering Shadow: Slavery, Race, and Law in the American Hemisphere*. Athens, EUA: University of Georgia Press, 2013, pp. 238-265.

COURI, Norma. O negro no Brasil a nos EUA, segundo uma antropóloga antiintegracionista. **Jornal do Brasil**, 15 fev. 1980.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Quase-cidadão: Histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

FALKOF, Lucille. *John H. Johnson, "The Man From Ebony"*. Ada, Oklahoma: Garrett Educational Corporation, 1992.

FERREIRA, Roquinaldo. *Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World: Angola and Brazil during the Era of the Slave Trade*. Nova York: Cambridge University Press, 2012.

FERRER, Ada. *Freedom's Mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. Nova York: Cambridge University Press, 2014.

FIRST Colony to Sail for Brazil in June. **Norfolk Journal and Guide**, 29 jan. 1921, p. 1.

FRAZIER, E. Franklin. A Comparison of Negro-White Relations in Brazil and in the United States. **Transactions of the New York Academy of Sciences**, v. 6, n. 7, série 2, 1944, p. 265.

FRAZIER, E. Franklin. Some Aspects of Race Relations in Brazil. **Phylon**, n. 3, 1942, pp. 291-295.

FRAZIER, E. Franklin. The Negro Family in Bahia, Brazil. **American Sociological Review**, n. 7, v. 4, 1942, pp. 465-478.

FULLER, Hoyt W. Blacks Challenge Policy of 'Non-Racialism' in Brazil. **Atlanta Daily World**, 29 set. 1978, p. 1.

GATEWOOD, Willard B. *"Smoked Yankees" and the Struggle for Empire: Letters from Negro Soldiers, 1898-1902*. Fayetteville, Arkansas: University of Arkansas Press, 1987.

GILLIAM, Angela. Black and White in Latin America. **Présence Africaine**, n. 92, 1974, pp. 161-173.

GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez à invisibilidade: Legados da pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

GOMES, Tiago de Melo. Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 25, v. 2, 2003, pp. 307-331.

GOMEZ, Michael. *Reversing Sail: A History of the African Diaspora*. Nova York: Cambridge University Press, 2005.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Democracia racial: O ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 61, 2001.

GURIDY, Frank Andre. *Forging Diaspora: Afro-Cubans and African Americans in a World of Empire and Jim Crow*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.

HANCHARD, Michael George. *Orpheus and Power: The Movimento Negro of Rio de Janeiro and São Paulo, Brazil, 1945-1988*. Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 138.

HELLWIG, David J. (ed.). *African-American Reflections on Brazil's Racial Paradise*. New Brunswick, Nova Jersey: Rutgers University Press, 1992.

HELLWIG, David. E. Franklin Frazier's Brazil. **Western Journal of Black Studies**, n. 15, v. 2, 1991, pp. 87-94.

HERNÁNDEZ, Tanya Katerí. *Racial Subordination in Latin America: The Role of the State, Customary Law, and the New Civil Rights Response*. Nova York: Cambridge University Press, 2013.

HOOVER Learns Lesson on Color Question in Brazil. **Chicago Defender**, 29 dez. 1928, p. 1.

HOTEL in Brazil Snubs Katherine Dunham. **Pittsburgh Courier**, 29 jul. 1950, p. 32.

HUNT, Alfred N. *Haiti's Influence on Antebellum America: Slumbering Volcano in the Caribbean*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1988.

JOSEPH, Tiffany D. *Race on the Move: Brazilian Migrants and the Global Reconstruction of Race*. Stanford: Stanford University Press, 2015.

LANDERS, Jane. *Atlantic Creoles in the Age of Revolutions*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 a 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 41, 1999, pp. 141-158.

MANNING, Patrick. *The African Diaspora: A History through Culture*. Nova York: Columbia University Press, 2009.

MEADE, Teresa; PIRIO, Gregory. In Search of the Afro-American 'Eldorado': Attempts by North-American Blacks to Enter Brazil in the 1920s. **Luso-Brazilian Review**, n. 25, v. 1, 1988, pp. 85-110.

NASCIMENTO, Abdias (org.). *O negro revoltado*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *The Sorcery of Color: Identity, Race, and Gender in Brazil*. Filadélfia: Temple University Press, 2007, pp. 120-148.

NASCIMENTO. *Quilombo: Vida, problemas e aspirações do negro*. São Paulo: FAPESP/Editora 34, 2003.

OTTLEY, Roi. *The Lonely Warrior: The Life and Times of Robert S. Abbott*. Chicago: Henry Regnery Company, 1955

PICKENS, William. Passports for Brazil. **New York Amsterdam News**, 14 fev. 1923, p. 1.

PLATT, Anthony M. E. *Franklin Frazier Reconsidered*. New Brunswick, Nova Jersey: Rutgers University Press, 1991.

POLYNÉ, Millery. *From Douglass to Duvalier: U.S. African Americans, Haiti, and Pan Americanism, 1870-1964*. Gainesville: University of Florida Press, 2010.

PUTNAM, Lara. *Radical Moves: Caribbean Migrants and the Politics of Race in the Jazz Age*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2013.

REPUBLICAN U.S. Keeps Us from Visiting Brazil. **Baltimore Afro-American**, 29 set. 1928, p. 5.

REYNOLDS, Clara Beasley. The Black Man in Brazil. **New York Amsterdam News**, 14 abr. 1928, p. 13. A SIDELIGHT on Mr. Hoover's Trip. **Pittsburgh Courier**, 15 jan. 1929, p. B8.

ROBINSON, Eugene. *Coal to Cream: A Black Man's Journey Beyond Color to an Affirmation of Race*. Nova York: The Free Press, 1999.

ROMO, Anadelia. *Brazil's Living Museum: Race, Reform, and Tradition in Bahia*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina Press, 2010, pp. 119-132.

SCHUYLER Advises Brazil's Negroes to Forget Color. **Pittsburgh Courier**, 28 maio 1949, p. 4.

SCHUYLER, George S. Brazilian Color Bias Growing More Rampant. **Pittsburgh Courier**, 4 set. 1948.

SCHUYLER, George S. Women Pep Meet in Brazil. **Pittsburgh Courier**, 28 maio 1949, pp. 1-4.

SCHUYLER, George. The Week's Books: Brazilian Background. **Pittsburgh Courier**, 2 jun. 1956, p. B3.

SHERRIFF, Robin. *Dreaming Equality: Color, Race, and Racism in Urban Brazil*. New Brunswick, EUA: Rutgers University Press, 1999.

SEIGEL, Micol. *Uneven Encounters: Making Race and Nation in Brazil and the United States*. Durham: Duke University Press, 2009.

SILVA, Graziella Moraes da; REIS, Elisa P. Perception of Racial Discrimination among Black Professionals in Rio de Janeiro. **Latin American Research Review**, n. 46, v. 2, 2011, pp. 55-78.

THOMPSON, Era Bell. *American Daughter*. Chicago: University of Chicago Press, 1946.

THOMPSON, Era Bell. Does Amalgamation Work in Brazil? **Ebony**, ago. 1965, pp. 33-42.

THOMPSON, Era Bell. Does Amalgamation Work in Brazil? **Ebony**, jul. 1965, pp. 27-41.

TWINE, France Winddance. *Racism in a Racial Democracy: The Maintenance of White Supremacy in Brazil*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.

Palavras-chave:

Afro-americanos, afro-brasileiros, Brasil, movimento negro, raça, democracia racial, Estados Unidos.

Resumo: Este artigo analisa como afro-americanos em visita ao Brasil escreveram e pensaram sobre a situação racial do país ao longo do século XX. Durante a primeira metade do século, visitantes afro-americanos estavam mais inclinados a ver o Brasil como uma democracia racial exitosa, uma sociedade em que negros, pardos e brancos viviam juntos em condições de harmonia e igualdade raciais. Durante a segunda metade do século, contudo, as visões afro-americanas sobre o Brasil tornaram-se muito mais críticas, com alguns visitantes apontando a própria ideologia da democracia racial como o principal obstáculo impedindo uma genuína igualdade racial. O artigo defende que essa mudança de visão foi em grande parte um reflexo do modo como afro-americanos julgavam sua própria sociedade. Na primeira metade do século, a violência e a opressão raciais foram tão extremas nos Estados Unidos que, em comparação, faziam parecer boa a situação no Brasil. À medida que os Estados Unidos se distanciaram da segregação racial na segunda metade do século, adotando políticas para a redução da desigualdade racial, os afro-americanos tornaram-se cada vez mais críticos do fracasso brasileiro em adotar políticas semelhantes ou seguir modelos inspirados nos Estados Unidos para uma mobilização política de negros.

Keywords

African-American, Afro-Brazilian, Brazil, black movement, race, racial democracy, United States.

ABSTRACT: This essay examines how African-American visitors to Brazil wrote and thought about that country's racial situation over the course of the 1900s. During the first half of the century, African-American visitors were more likely to see Brazil as a successful racial democracy, a society in which blacks, browns, and whites lived together on conditions of racial harmony and equality. During the second half of the century, African-American views of Brazil became much more critical, with some writers arguing that the ideology of racial democracy was itself a principal obstacle to the achievement of genuine racial equality. The article argues that this shift in views was in large part a reflection of African-Americans' judgments about their own society. During the first half of the century, racial violence and oppression were so extreme in the United States that Brazil looked good by comparison. As the United States turned away from racial segregation in the second half of the century and adopted policies aimed at reducing racial inequality, African-Americans became increasingly critical of Brazil's failure to adopt similar policies or to follow US-based models of black political mobilization.

Recebido para publicação em março/2017

Aceito para publicação em junho/2017